



4 - SÍNTESE OU "SINCRETISMO" ANTROPOLÓGICO?

Na primeira parte do nosso trabalho apresentamos a nota característica pela qual o próprio Fromm define a si e a sua obra - o humanismo. Tivemos igualmente oportunidade de ver o centro de interesse e problemas de que se ocupou, os estudos que efetuou, e os contatos que direta ou indiretamente teve com inúmeros pensadores e/ou "Escolas". Nesta segunda parte temos nos ocupado da antropologia frommiana. Iniciamos com a análise de seus fundamentos: as concepções de homem de Freud e Marx. Não resta a menor dúvida de que Fromm é devedor incondicional de ambos - dos temas e problemas, do esquema conceptual básico, das suas perspectivas teóricas.

No entanto, Fromm julgou tanto as concepções de homem de Marx quanto de Freud insatisfatórias e partiu, ele próprio, em busca da "verdadeira" definição da essência e natureza do homem. Encerrada esta exposição com a análise das chamadas "necessidades existenciais" nos colocamos a pergunta: síntese ou "sincretismo antropológico"?

Somos de opinião que a antropologia frommiana o, de um modo ge



ral, todo o seu pensamento se constitui em autêntico "sincretismo" - sincretismo de diferentes perspectivas teóricas, sincretismo de temas, idéias e conceitos.

O emprego do termo "sincretismo" se justifica por várias razões: como primeiro fato, destacamos a atitude de Fromm em relação às suas fontes. Sempre aberto a quaisquer teorias relativas ao homem e à sociedade, Fromm delas se acercava e acabava mais cedo ou mais tarde por reinterpretá-las a seu modo e segundo os seus propósitos. A livre interpretação das suas fontes e o caráter seletivo em relação as mesmas pode ser embasado nas seguintes observações de dois de seus críticos:

"Fromm se comporta em relação a Escola de Frankfurt do mesmo modo que com suas outras 'fontes': seletivamente, identificando-se extrinsecamente com elas, tomando os conceitos que lhe interessam e nada mais. Por isso Fromm é completamente consequente consigo mesmo quando resiste a ser adscrito a qualquer 'escola'. É consequente, porque ainda que se valha de qualquer grupo ou idéia que se encontre no seu caminho, jamais se identifica com nada nem com ninguém a lém de si próprio. Ainda que o ecletismo de Fromm nos obrigue a ter continuamente presente a perspectiva histórica, o fato é que Fromm se encontra sempre tão longe de qualquer escola ou grupo como sua "natureza humana" da história".

Dobrenkóv é da mesma opinião no que se refere à interpretação frommiana de Marx. Vejamos:

"Ao fazer uma revisão crítica das concepções freudianas da natureza do indivíduo, Fromm tenta aplicar algumas teses do marxismo. Nas considerações sobre a natureza humana, apela constantemente para Marx e, tomando-lhe de empréstimo esta ou aquela idéia, adapta-a as suas construções abstrato-psicológicas. Tudo o que não se ajusta ao leito de Procusso do seu velho esquema lógico permanece de fora do seu campo de visão e fora de sua atenção".

A segunda razão que nos leva a falar de um "sincretismo



tismo antropológico" no caso de Fromm, está na superficialidade de suas operações lógicas. Fromm nunca discute os pressupostos das diferentes abordagens teóricas nem os confronta com os seus. Procura sempre harmonizar pontos de vista semelhantes, o que sempre acaba por conseguir com citações fora do contexto ou, mudando o conteúdo referencial do próprio conceito. Fromm harmoniza com a maior tranquilidade as doutrinas de Buda e Cristo ou as teorias de Hegel e Marx, Marx e Freud etc. ou ainda, mais de um deles, para a defesa de uma mesma idéia.

Além desta falta de criticidade, a terceira e última razão que justifica falar em "sincretismo" é o próprio resultado final das formulações frommianas. Manifesta ou, veladamente aí estão presentes, diferentes sistemas filosóficos, científicos e religiosos, todos amalgamados em uma mesma direção.

Ainda que alguns críticos de Fromm prefiram falar em "ecletismo" o que também é verdadeiro, juntamente com A. Isoardi e A. Polaino, achamos defensável caracterizar de "sincretística" a antropologia frommiana e comungamos ainda a mesma dúvida: de como Fromm tem podido pôr de acordo em seu próprio pensamento, teses incompatíveis como as do pensamento, budista, da tradição judaico-cristã, da Filosofia do Iluminismo, da Psicanálise e do Marxismo.³



NOTAS

- 1 CAPARRÓS, Antonio. Op. Cit. p. 136.
- 2 DÓBRENKOV, V.I. Op. Cit. p. 51.
- 3 ISOARDI, A. e POIAINO, A. Op. Cit. p. 40.



Propriety of the Erich Fromm Document Center. For personal use only. Citation or publication of material prohibited without express written permission of the copyright holder.

Eigentum des Erich Fromm Dokumentationszentrums. Nutzung nur für persönliche Zwecke. Veröffentlichungen – auch von Teilen – bedürfen der schriftlichen Erlaubnis des Rechteinhabers.

PARTE III

A PROPOSTA ÉTICA DE ERICH FROMM



Já vimos que a preocupação pelos problemas humanos, da parte de Erich Fromm, situam-no numa perspectiva eminentemente ética. Tanto na psicanálise quanto no marxismo, Fromm não só buscou compreender o comportamento individual e social do homem mas, sobretudo, compreender a irracionalidade humana. Para tanto, não nos esqueçamos de que as duas experiências fundamentais de Fromm foram, de uma parte o nazismo, na Alemanha e, de outra, a "sociedade de consumo", na América.

Como a grande preocupação de Fromm sempre foi a do "significado da existência" e, esta questão não podia ser resolvida nos limites de uma psicologia e sociologia estritamente científicas, nosso autor voltou-se para a filosofia, situando-se, desde o começo, na corrente filosófica ocidental.¹ É dentro deste contexto que devem ser vistas sua concepção antropológica e sua proposta ética.

É praticamente impossível compreender a ética frommiana sem o seu suporte antropológico, por isso, julgamos, por bem, apresentá-lo primeiro. Só agora vamos retomar a exposição da ética cujos pressupostos e objetivo já foram apresentados na segunda parte do trabalho.

Vamos dar continuidade ao trabalho, abordando no



primeiro capítulo "Ética Humanista" e "Ciência do Homem" o significado das expressões "ética humanista" e "ciência do homem" para Erich Fromm. A seguir, destacamos o lugar e a importância da Psicanálise na elaboração da "ética humanista frommiana".

Para Fromm, o psicanalista, a personalidade só pode ser compreendida em sua totalidade e, esta totalidade inclui entre outras coisas a busca do "significado da existência" e o "estabelecimento de normas e valores de acordo com as quais deva viver".² Portanto, a teoria da personalidade e, dentro dela, a caracteriologia, ocupam um lugar necessário na formulação da moral segundo Fromm; é o que vamos apresentar no capítulo "Estudo da Personalidade e a Ética".

No terceiro e último capítulo fazemos algumas considerações e questionamento sobre a "ética humanista e seu fundamento antropológico-filosófico", segundo Erich Fromm.



Propriety of the Erich Fromm Document Center. For personal use only. Citation or publication of material prohibited without express written permission of the copyright holder.

Eigentum des Erich Fromm Dokumentationszentrums. Nutzung nur für persönliche Zwecke. Veröffentlichungen – auch von Teilen – bedürfen der schriftlichen Erlaubnis des Rechteinhabers.

NOTAS

- 1 CAPARRÓS, Antonio. Op. Cit. p. 14.
- 2 FROMM, Erich. Ética e Psicanálise. p. 20.



1 - ÉTICA HUMANISTA E "CIÊNCIA DO HOMEM".

Como já demonstramos na segunda parte deste trabalho, a tese frommiana é de que "a psicologia deve basear-se num conceito antropológico-filosófico da existência humana" ou o que é o mesmo: - a análise da "situação humana" deve preceder a da personalidade - já que a personalidade individual é condicionada pelas características da existência comum a todos os homens.¹

No que diz respeito à ética, Fromm assegura que a separação entre psicologia e a ética é relativamente recente. Que os grandes pensadores da ética humanista foram filósofos e psicólogos e que acreditavam não ser possível separar a compreensão da natureza do homem da compreensão dos valores e normas de sua vida.²

"No seu propósito de fundar a Psicologia como ciência positiva, a Psicanálise cometeu o erro de separa-la dos problemas filosóficos e morais; ignorou que a personalidade humana só pode ser compreendida na sua totalidade, e que esta totalidade inclui a necessidade de encontrar uma resposta ao problema do significado da existência e descobrir as normas de acordo com as quais deva viver".³



A maior crítica de Fromm ao "homo psicologicus" de Freud deve-se justamente ao fato de, na sua concepção, não terem tido lugar os fatores morais, pois, para Fromm "é impossível compreender o homem e as suas perturbações emocionais e mentais sem recorrer à compreensão dos conflitos de valores e dos conflitos éticos".⁴

Ao mesmo tempo que Fromm condena Freud e a psicologia moderna por terem, segundo ele, favorecido o "relativismo ético", vê a possibilidade desta mesma psicologia e mormente a psicanálise se constituírem em poderosos impulsos ao desenvolvimento da ética.

Que propõe Fromm, já que lhe parece que a sociedade moderna oscila entre a alternativa de aceitar os valores e normas propostas pela religião ("ética autoritária") ou cair no "relativismo ético" que postula a tese de que valores e normas éticas dependem, exclusivamente, do gosto e preferência pessoais e que, portanto, afirmações objetivas e válidas não podem ser emitidas neste campo?

Fromm assegura que existe outra alternativa:

"a razão humana, e só a razão humana, pode elaborar normas éticas válidas; o homem é capaz de discernir e formular juízos de valor tão válidos como quaisquer outros juízos racionais". A grande tradição do pensamento ético humanista legou-nos os fundamentos da edificação de sistemas de valores assentes na autonomia da razão; estes sistemas foram construídos sobre a premissa de que, para saber o que é bom para o homem, precisamos conhecer a sua natureza. Nessa medida, foram também, fundamentalmente investigações psicológicas".⁵

Como podemos ver, Fromm procura provar a validade da ética humanista recorrendo ao que ele chama de "tradição do pensamento ético humanista", sua crença no poder da razão e

seu interesse pela compreensão do homem e sua natureza e, sem mais, elabora o seguinte raciocínio: a maioria dos éticos humanistas eram filósofos e procuraram compreender a "natureza humana"; Logo, eram também psicólogos e, portanto, a "psicologia" pode servir de fundamento à ética.

Convém observar, antes de mais nada, que o autor de "Ética e Psicanálise" não procura distinguir a abordagem filosófica de alguns humanistas éticos da abordagem científica da moderna psicologia e, por isso, não se conforma com que a ética se valha dos conhecimentos psicológicos, antes quer que a "psicologia" se dedique a estudar o homem como "totalidade", a descobrir "o sentido e as normas da vida". Ao mesmo tempo que Fromm quer que a psicologia retorne de sua postura "naturalista" à tradição humanista⁶ rechaça a eleição de quaisquer valores e normas que não estejam fundamentados pela ciência - "a ciência do homem".

Antes de definir a "ciência do homem" e de precisar suas funções, Fromm se detém em assentar os pressupostos em que se baseia.

"A idéia de uma ciência do homem assenta no pressuposto da existência do seu objeto, o homem, e da existência de uma natureza humana característica da nossa espécie".⁷

O objeto da "ciência do homem" é a natureza humana. Mas, continua Fromm, esta ciência não parte de um quadro completo e integrado dessa natureza; a definição satisfatória do seu objeto de estudo não é o seu ponto de partida mas o seu fim. E quanto aos procedimentos pelos quais esta ciência abordará seu objeto acrescenta:



"O seu método consiste em observar as reações do homem em face de condições individuais e sociais diversas e, da observação dessas reações, fazer inferências sobre a sua natureza. (...) A natureza humana não pode jamais ser observada em si mesma, mas apenas tal como se manifesta perante situações definidas. Representa uma construção teórica elaborada a partir de um estudo empírico do comportamento humano. Nesta construção de um "modelo de natureza humana", a ciência do homem não se distingue das outras ciências, que operam também com conceitos de entidades que não são diretamente observáveis e se baseiam em inferências efetuadas a partir dos dados da observação".⁸

Fromm esclarece que, ao referir-se a uma "ciência do homem", tem em vista um conceito mais amplo do que a noção convencional de antropologia. Em verdade, esta ciência se valerá dos conhecimentos obtidos pelas diversas ciências humanas particulares. Em "Psicanálise da Sociedade Contemporânea", vai um pouco mais longe, incluindo entre os objetivos da "ciência do homem", além da construção de um "modelo de natureza humana", o reconhecimento das leis inerentes à sua natureza e os objetivos inerentes ao seu desabrochar.⁹ Conclui no entanto, que a despeito da riqueza de dados oferecidos pela psicologia e antropologia, não dispomos, ainda, senão de um esboço da natureza humana.

1.1 - Ética Humanista - uma aplicação dos conhecimentos teóricos da "ciência do homem".

Para Erich Fromm, a importância dos conhecimentos teóricos sobre a natureza humana obtidos pela "ciência do homem" advém do fato de fundamentarem sua proposta ética - a "ética humanista". Esta deve reunir dupla condição: primeiramente, ser "antropocêntrica" - "no sentido de que os seus juízos de valor, como qualquer outro juízo ou a própria percepção,



encontram seu fundamento na especificidade da existência humana e só ganham sentido quando são referidos a esta mesma existência";¹⁰ e em segundo lugar, a ordem ética, as normas de conduta e os juízos de valor devem ser "objetivamente válidos", isto é, válidos para todos os homens.

A primeira objeção à ética humanista vem da parte daqueles que negam ao homem a capacidade de chegar a "princípios éticos objetivamente válidos", diz Fromm. São os partidários da ética subjetivista que, na sua forma mais radical, aceita como valor "qualquer bem desejado". A estes opositores Fromm responde que preliminarmente devemos recordar que "objetivamente válido" não se identifica com "absoluto". Que um juízo de probabilidade, por exemplo, ou uma hipótese podem ser simultaneamente válidos e relativos, no sentido de haverem sido estabelecidos à base de provas limitadas e estarão sujeitos a futuros aperfeiçoamentos. Mais ainda, a contra posição relativo-absoluto, só tem lugar no pensamento teológico e não no pensamento científico em geral, argumenta Fromm.¹¹

Mesmo esclarecido este aspecto, continua o autor, permanece ainda a idéia largamente difundida de que juízos objetivos só podem incidir sobre fatos e jamais sobre valores, com o risco da perda de cientificidade destas proposições. Fromm discorda de tal posicionamento e lembra que, por exemplo nas artes, estamos acostumados a formular juízos de valor objetivamente válidos, deduzidos de princípios científicos que, por sua vez, são estabelecidos mediante a observação de fatos e/ou através de longos processos matemático-dedutivos. Enquanto as ciências puras ou teóricas se preocupam com a descoberta de fatos e princípios, as ciências aplica



das preocupam-se fundamentalmente com a formulação de normas práticas de procedimento - sendo o "deve" determinado pelo conhecimento científico daqueles fatos e daqueles princípios.¹²

Pois bem, conclui Fromm, se em todas as artes, um sistema de normas objetivamente válidas constitui uma teoria da prática (ciência aplicada) baseada na ciência teórica correspondente e, sendo o próprio viver uma arte, "a ética humanista é a ciência aplicada da arte de viver, baseada na ciência teórica do homem".¹³

Antes de prosseguir, queremos assinalar que a definição frommiana de "ética humanista como ciência aplicada à arte de viver, baseada na ciência do homem" é tão questionável quanto a viabilidade de sua proposta ética. Mesmo correndo o risco de tornar esta nossa observação repetitiva, queremos assinalar o fato aqui evidente, de que àquele que, como Fromm, se propõe apresentar uma proposta ética científica, falta conhecimento e respeito às regras científicas mais elementares tais como a precisão terminológica, definição de termos e conceitos, rigor lógico. Fromm, por exemplo, não define, nesta parte do seu trabalho, o que entende por "objetividade" e simplesmente dá os seguintes saltos lógicos: - "Objetivamente válido" é diferente de "absoluto" que no contexto teológico se opõe à "relativo"; mas, continua: algo pode ser válido e simultaneamente relativo; dá como exemplo o caso de uma hipótese e, simplesmente conclui que juízos de valor (por não serem absolutos) são "objetivamente válidos".

Raciocínio similar efetua Fromm, jogando com a ambigüidade de termos tais como "arte", "ciência pura ou teó-



rica", "ciência prática", "normas práticas de procedimentos" e "ciência normativa". Fromm atribui a cada conceito o conteúdo que lhe convém, a fim de chegar as suas conclusões. Parece-nos muitas vezes, que, a meio caminho da investigação, as hipóteses frommianas perdem seu caráter de pressuposições para transformarem-se em certezas.

Mas, feitas estas observações, prossigamos. Restamos ainda saber em que consiste a ordem ética mesma, quais seus princípios básicos e valores fundamentais.

Na "arte de viver", continua Fromm, "o homem é, ao mesmo tempo, o artista e o objeto de sua arte, o escultor e o mármore, o médico e o paciente",¹⁴ e o seu desempenho está na dependência dos conhecimentos alcançados pela "ciência do homem" e também na habilidade e prática individuais. Neste contexto, a ética representa o corpo de normas necessárias à obtenção dos melhores resultados na "arte de viver" e, seus princípios podem ser deduzidos da natureza da vida em geral, e da existência humana em particular, passível de ser observada nos indivíduos e nas diferentes culturas.

A natureza da vida é, em termos gerais, prossegue Fromm, a de preservar e afirmar a existência própria. Logo, o primeiro dever de um organismo é preservar e afirmar sua existência e, já que a tendência intrínseca para preservar a existência não é passiva mas dinâmica, a existência identifica-se com o desenvolvimento das potencialidades específicas do organismo, o que equivale dizer que o fim da vida do homem deve ser entendido como o desenvolvimento dos seus poderes, de acordo com as leis da sua natureza. O homem deve, simplesmente, ser ele mesmo, desenvolver-se até chegar a ser o que potencialmen

Fromm resume assim os princípios basilares da ética humanista:

"O bem é a afirmação da vida, o desenvolvimento das potencialidades humanas. A virtude consiste na responsabilidade perante a existência. O mal reside na mutilação das forças humanas; o vício é a irresponsabilidade para consigo mesmo".¹⁶

1.2 - Ética e Psicanálise

Para Erich Fromm, a "natureza humana" - objeto da "ciência do homem", definida anteriormente, constitui a base da ética humanista. Ainda que a "ciência do homem" lance mão de contribuições teóricas das diversas ciências que se ocupam do homem, o autor de "Ética e Psicanálise", denomina quaisquer busca de conhecimentos, que se refiram à natureza do homem, de "conhecimentos psicológicos".¹⁷ Por isso, é também levado a afirmar que "o desenvolvimento da ética humanista, na sua natureza aplicada, se encontra na dependência do progresso da psicologia, como ciência teórica".¹⁸ "Ciência do Homem" é, portanto, a Psicologia, segundo o significado que lhe confere Fromm. Uma ciência abrangente, com um objeto pouco determinado, uma metodologia que se pretende científica e um objetivo não menos pretencioso: construir um "modelo de natureza humana" reconhecer as leis inerentes à sua natureza e desenvolvimento.

O conceito abarcador de "psicologia" fica ainda confirmado com suas referências à psicologia de Aristóteles, Spinoza e Dewey. Fromm nos diz que o desenvolvimento ético verificado de Aristóteles à Spinoza, deve-se, em grande parte, à superioridade da psicologia dinâmica deste último em relação à psicologia estática do primeiro. Já o progresso de Dewey, em



relação aos dois primeiros, advém do fato de este ter superado a tendência abstrata daquelas investigações psicológicas pelo estabelecimento de um método capaz de fundamentar as suas teorias numa investigação empírica. Dewey ainda reconhece a importância dos fatores inconscientes na determinação da conduta, ainda que não tenha explorado este aspecto do ponto de vista ético. Com efeito, continua Fromm:

"as tentativas das descobertas da psicanálise ao desenvolvimento da teoria ética têm sido escassas, tanto no domínio filosófico como no psicológico, e este fato revela-se tanto mais surpreendente quanto é certo que a teoria psicanalítica tem oferecido contribuições de particular relevo para o progresso do pensamento moral".¹⁹

A mais importante contribuição da Psicanálise, segundo Fromm, está no fato de ser o primeiro sistema psicológico a elaborar uma teoria da personalidade global. Para o desenvolvimento desta teoria contribuíram, o que Fromm, desde os seus primeiros escritos, tem destacado com as descobertas mais importantes da psicanálise: o inconsciente e sua contribuição ao desenvolvimento da caracteriologia.

O conceito psicanalítico de inconsciente permitiu a elaboração de uma nova teoria das motivações humanas e, esta, por sua vez, abriu uma nova dimensão à investigação ética. Na evolução do pensamento ético, os juízos de valor da ação humana passaram a incidir mais sobre as motivações subjacentes ao ato do que este considerado em si mesmo. O método psicanalítico permitiu abordar a personalidade global. Com as técnicas peculiares ao novo método, os psicólogos conseguiram acesso a fenômenos até então inobserváveis, ao mesmo tempo que desvendavam muitas experiências emocionais reprimidas e inconscientes.²⁰



Freud iniciou suas investigações, analisando os sintomas neuróticos mas, à medida que a psicanálise foi se desenvolvendo, tornou-se cada vez mais claro que um sintoma neurótico só pode ser compreendido em referência à estrutura do caráter do indivíduo. Coube, contudo, a Freud o mérito de haver lançado as bases de uma ciência do caráter - a caracteriologia.

Fromm afirma que "o caráter, mais do que o sintoma neurótico, passou a ser o tema central da teoria e terapêutica psicanalítica".²¹ Mas, segundo o crítico Antonio Caparrós, esta apreciação é falsa dado que a caracteriologia não ocupa lugar central nem no sistema de Freud, nem na Psicanálise. Foi central em Reich e Abraham, nos anos vinte.²²

A importância atribuída por Fromm à caracteriologia psicanalítica deve-se, mais uma vez, às suas preocupações éticas além de que vivenciou, nos anos vinte, o auge da teoria do caráter na escola psicanalítica de Berlim. Por isso, embuído daquelas preocupações e daquele espírito, Fromm é levado a afirmar, muitos anos depois, que ainda que a caracteriologia se encontre na infância, é indispensável ao progresso ético.

"Conceber as virtudes e os vícios como atitudes isoladas denuncia-se como uma perspectiva insuficiente e errônea. O objeto da ética é o caráter, e só será possível emitir um juízo de valor sobre atitudes ou comportamentos isolados, quando referidos à estrutura de caráter, considerado como um todo. O caráter virtuoso ou vicioso, mais do que as virtudes e vícios isolados, é o verdadeiro objeto da investigação ética".²³

Se o "objeto da ética é o "caráter" entendemos porque Fromm faz da caracteriologia um dos temas centrais de seu livro "Ética e Psicanálise".



NOTAS

- 1 FROMM, Erich. Ética e Psicanálise. p. 72.
- 2 Id., Ibid. p. 10.
- 3 Id., Ibid. p. 20.
- 4 Id., Ibid. p. 20.
- 5 Id., Ibid. p. 19.
- 6 CAPARRÓS, Antonio. Op. Cit. p. 181.
- 7 FROMM, Erich. Ética e Psicanálise. p. 39.
- 8 Id., Ibid. p. 43-44.
- 9 Id., Psicanálise da Sociedade Contemporânea. p. 27.
- 10 Id., Ética e Psicanálise. p. 30.
- 11 Id., Ibid. p. 33.
- 12 Id., Ibid. p. 34.
- 13 Id., Ibid. p. 34-35.
- 14 Id., Ibid. p. 35.
- 15 Id., Ibid. p. 37-38.
- 16 Id., Ibid. p. 38-39.
- 17 Id., Ibid. p. 19.
- 18 Id., Ibid. p. 52.
- 19 Id., Ibid. p. 53.



- 20 Id., Ibid. p. 54.
- 21 Id., Ibid. p. 54
- 22 CAPARRÓS, Antonio. Op. Cit. p. 72.
- 23 FROMM, Erich. Ética e Psicanálise. p. 55-56.



2 - O ESTUDO DA PERSONALIDADE E A ÉTICA

Em continuidade ao nosso trabalho, passaremos a fazer algumas considerações gerais sobre o estudo da personalidade e a caracteriologia frommiana para concluir com a análise mais detalhada do "caráter produtivo" enquanto ideal da ética humanista.

De acordo com a concepção frommiana, a unidade da espécie humana se manifesta porquanto todos os homens partilham da "situação humana", isto é, das "dicotomias existenciais"; a diversidade se manifesta nos múltiplos modos pelos quais é solucionado o problema humano. A infinita diversidade da personalidade é, em si mesma, característica da existência humana. Diz Fromm:

"Entendo por personalidade a totalidade das qualidades psíquicas, hereditárias e adquiridas, que caracterizam uma pessoa determinada e fazem dela uma individualidade única".¹

Deste modo, Fromm define a personalidade mediante as dimensões de caráter e temperamento mas, estabelece, entre elas, uma radical separação. O temperamento se refere à forma



individual e constitucional de reação; é inato e inutável. Em troca, o caráter é o conjunto de qualidades psíquicas que o indivíduo adquire através de suas experiências, notadamente as da infância; é, até certo ponto, modificável pelo conhecimento de si mesmo e novas experiências. A ênfase dada a esta distinção é porque a confusão entre temperamento e caráter, diz Fromm, tem sérias conseqüências no domínio da moral.

"Enquanto as diferenças de temperamento carecem de significação ética, as diferenças de caráter, na medida em que exprimem o êxito ou fracasso de cada indivíduo no domínio da arte de viver, constituem o verdadeiro problema moral".²

2.1 - A teoria Frommiana do Caráter

As questões relativas ao caráter sempre fascinaram Fromm. Afinal o caráter foi a pedra de toque do seu "freudomarxismo". Em "Ética e Psicanálise" o interesse pelo caráter está vinculado a uma análise teórica da ética - enquanto constitui simultaneamente "o objeto do juízo ético e do desenvolvimento moral do homem".³

Fromm admite que sua caracteriologia constitui um desenvolvimento especial da concepção dinâmica de caráter de Freud. Este criou, não só a primeira, mas também a mais coerente teoria do caráter como sistema de impulsos subjacentes ao comportamento. Por isso, insiste Fromm em distinguir entre "traços de comportamento" e "traços de caráter". Estes últimos subjazem aos primeiros e atuam como forças que motivam e modelam a conduta.⁴

Freud considerou o caráter como a manifestação relativamente estável de vários tipos de impulsos libidinosos. Com



seus conceitos de caráter oral, anal e genital, propôs um novo modelo de caráter humano que explica o comportamento como resultado dos diversos tipos de organização da libido. Fromm diz que esta maneira de ver deve-se ao modo de pensar materialista dominante no último período do século XIX nas ciências naturais. Supunha-se então que a energia dos fenômenos naturais e psíquicos fosse uma entidade substancial e, por isso, Freud foi levado a crer que o impulso sexual seria a fonte da energia do caráter.⁵

Foi a revisão da teoria da libido de Freud que passou a constituir a nova base do conceito de caráter de Fromm e dos culturalistas de um modo geral. A ênfase dada à libido como fonte de energia passa, agora, a incidir sobre as relações do homem com os outros, com a natureza e consigo mesmo. "Harry S. Sullivan, um dos maiores representantes deste ponto de vista, definiu, por isso, a psicanálise como um "estudo das relações interpessoais".⁶

Dentro desta mesma perspectiva o autor de "Ética e Psicanálise" passou a elaborar sua teoria do caráter. Alguns anos antes escrevia em "O Medo à Liberdade" (1941) que o "caráter, na acepção dinâmica da psicologia analítica, é a forma específica pela qual a energia humana é modelada pela adaptação dinâmica das necessidades humanas ao estilo particular de uma dada sociedade".⁷ Sete anos depois, em "Ética e Psicanálise" (1948), ratifica seu posicionamento afirmando que a principal diferença entre a teoria freudiana do caráter e a sua é, de que não se funda nos diversos tipos de organização da libido mas, nas formas específicas de relacionamento da pessoa com o mundo: primeiramente adquirindo e assimilando



objetos (processo de assimilação) e, em segundo lugar, relacionando-se com os outros e consigo mesmo (processo de socialização). Declara Fromm:

"Estas orientações pelas quais o indivíduo entra em relação com o mundo constituem o cerne do seu caráter que, desde já, podemos definir como a forma (relativamente permanente) em que a energia humana é canalizada no processo de assimilação e socialização".⁸

Desde "O Medo à Liberdade", Fromm sustenta que os impulsos que contribuem para estabelecer as diferenças caracteriológicas entre os homens são resultado do processo social e não da natureza humana. Daí ter relacionado o caráter com o processo de adaptação e não com a libido conforme cria Freud. "As mais belas, assim como as mais feias inclinações do homem, não são parte de uma natureza humana fixa e recebida biologicamente, mas provêm do processo social que forma o homem",⁹ escreve Fromm.

O caráter, segundo ele, desempenha uma importante função social, afirma que podemos compreendê-lo como o substituto humano para os instintos animais ausentes; como a "segunda natureza do homem". E em vista disso nos dá esta outra definição de caráter em "Anatomia da Destrutividade Humana":

"O caráter é o sistema relativamente permanente de todas as forças não instintivas através do qual o homem vincula-se ao mundo humano e natural".¹⁰

Graças ao sistema caracteriológico, o homem não precisa estar a cada momento deliberando frente a cada ato que deve realizar. Tem uma série de hábitos semi-automáticos de pensamento e ação. Além de permitir ao indivíduo agir coerente e "razoavelmente" é, também, a base da adaptação social do indi-



vídeo à sociedade.¹¹

Quanto a formação do caráter, é perceptível uma evolução no pensamento frommiano. Inicialmente, dá mais destaque ao fator econômico; posteriormente, a ênfase maior recairá nos fatores sócio-culturais. A prioridade dos fatores econômicos pode ser observada ainda em "O Medo à Liberdade" onde lemos:

"Assim, o estilo de vida, tal como é demarcado para o indivíduo pela peculiaridade de um sistema econômico, torna-se o fator primordial na determinação de toda a estrutura de seu caráter, porquanto a necessidade imperiosa de conservação individual força-o a aceitar as condições em que tem de viver".¹²

Em "Ética e Psicanálise" o fator econômico deixa de ser prioritário e, em seu lugar, os fatores culturais ocupam o primeiro plano na formação do caráter:

"O caráter da criança é modelado pelo de seus pais, e desenvolve-se em resposta a ele: e o caráter dos pais e os seus métodos de educação são, por sua vez, determinados pela estrutura social a que pertencem. A família média é a 'agência psíquica da sociedade' e a criança adaptando-se à sua família, formará o caráter que mais tarde a ajustará às tarefas que tem que desempenhar na vida social".¹³

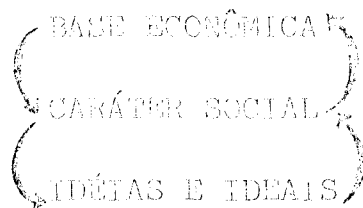
Além do conceito de caráter individual, Fromm utiliza o de "caráter social". Como já vimos, esta expressão foi cunhada a partir de 1941 em substituição à "estrutura libidinal" da década de trinta. O conceito de "caráter social" refere-se à matriz da estrutura caracteriológica comum a um grupo. O "caráter social" se constitui de uma seleção de traços comuns a maior parte dos membros de um grupo e se forma como resultado das experiências básicas e estilo de vida comuns àquele grupo.¹⁴

Em linguagem mais apropriada para o livro "Humanis

mo Socialista", Erich Fromm, escreve:

"O fator fundamental na formação do 'caráter social' é a prática da vida na medida em que é constituída pelo modo de produção e pela consequente estratificação social. O 'caráter social' constitui a estrutura particular da energia psíquica que é moldada por toda a sociedade existente, a fim de se tornar útil ao funcionamento desta sociedade particular". 15

Fromm insiste que o "caráter social" constitui o intermediário entre a estrutura sócio-econômica e as idéias e ideais dominantes numa sociedade".¹⁶ (Vide esquema abaixo). Quer dizer que a estrutura sócio-econômica de uma determinada sociedade modela seus membros para que possam "funcionar" sempre na direção que exija o sistema. Neste sentido, os padrões sociais dominantes são capazes de criar um núcleo caracteriológico comum à maioria dos indivíduos o "caráter social" - que o leva a querer fazer aquilo que tem de fazer para funcionar de modo a que a sociedade utilize das suas energias para seus respectivos objetivos.



(De Erich Fromm - In: - Humanismo Socialista p.243)

O caráter social serve, assim, para explicar o laço entre a base material de uma sociedade e a "superestrutura ideológica". Segundo este esquema se dá uma relação dialética entre a base econômica, o caráter social e as superestruturas ideológicas.

Fromm procura mostrar a importância do conceito de caráter social em estudos empíricos com o objetivo de descobrir os vários tipos de "caráter social" que existe em determi



nada sociedade ou classe social. O conceito de "caráter social" desde sua elaboração pode ser considerado o eixo ao redor do qual giram todas as formulações teóricas de Erich Fromm.¹⁷

Fica perfeitamente delimitada, em Fromm, a estrutura e dinâmica do "caráter social" frente à estrutura e dinâmica do caráter individual. O "caráter social", como já tivemos oportunidade de ver ao longo deste trabalho, se constitui na expressão mais articulada de conjugar, em uma síntese dialética, a teoria dinâmica e profunda do caráter de Freud e o pensamento sociológico de Karl Marx.

Até aqui temos visto como os caracteres estão relacionados com a forma pela qual o sujeito, ao longo de sua vida, se relaciona com o mundo através dos processos de "assimilação" e "socialização". Resta-nos, agora, apresentar, de acordo com estes dois processos, as principais "orientações de caráter" descritas por Erich Fromm. Estas orientações constituem "tipos ideais" e não descrições do caráter de indivíduos determinados.

Estes tipos paradigmáticos de caráter são os seguintes: orientação receptiva, exploradora, acumulativa, mercantil e produtiva que, correspondem ao processo de assimilação; orientação masoquista, sádica, destrutiva, indiferente e produtiva relativas ao processo de socialização.

Limitamo-nos a uma caracterização muito breve das orientações improdutivas pois, do ponto de vista ético, todas estas orientações implicam em atitudes inautênticas; fracasso no processo de viver.¹⁸



A Orientação Receptiva pode ser caracterizada, como faz Fromm, pela expressão "aceitar". O indivíduo receptivo sente a "fonte de todo bem" fora de si, no exterior e, a única maneira de alcançar seus desejos materiais, afetivos e intelectuais é recebê-los desta fonte exterior.¹⁹ Tornam-se não só dependentes da autoridade mas, de todos os que o rodeiam e sentem-se perdidos quando sós, pois, pouco conseguem fazer se não forem auxiliados.

"De um modo geral, os indivíduos que correspondem a este tipo de orientação são otimistas e cordiais, ostentam uma certa confiança na vida e nas suas dádivas, mas tornam-se ansiosos e paralizados quando veem ameaçada a sua fonte de subsistência".²⁰

A Orientação Exploradora, vem assinalada por Fromm com expressão "tomar". Enquanto o receptivo espera passivamente tudo o que lhe possa vir do exterior, o explorador, em troca, usa de inteligência, astúcia e mesmo a força para obter o que deseja. Nos campos afetivo e intelectual a atitude básica é a mesma: apossar-se, roubar, obter a qualquer custo. Em geral manifestam inveja e ciúme; sobreestimam o que os outros possuem e subestimam o que lhes é próprio. Um exemplo extremo deste tipo é o cleptomaniaco.

A Orientação Acumulativa tem na expressão "conservar" a atitude básica pela qual Fromm a caracteriza. As pessoas que a ostentam tem pouca confiança em tudo quanto possam obter do exterior; sua segurança se baseia na acumulação e poupanças e qualquer gasto é encarado como uma ameaça. Rodeiam-se com um muro protetor e seu único objetivo é introduzir ali tudo o que puderem e, deixar que saia, o menos possível. Sua avareza se estende sobre objetos materiais, sentimentos e pensamentos. São excessivamente ordenados, metódicos, pontuais.



Do ponto de vista afetivo, Fromm os caracteriza pela possessão. Não dão amor, tratam sempre de possuir o "tomado". É comum revelarem uma espécie de lealdade para com as pessoas e recordações. Os indivíduos desse tipo veem na intimidade uma ameaça; só o distanciamento ou a posse lhes confere segurança.

A Orientação Mercantil, tal como Fromm a descreve é produto de nossa sociedade mercantilizada, onde tudo se compra e se vende, inclusive a personalidade. Poderia definir-se esta orientação com o lema: "mudando". É que neste tipo de caráter, a pessoa experimenta-se, segundo Fromm, como objeto mercantilizado, como mero valor de troca. As pessoas, pois, que ostentam um caráter mercantil, buscam exibir aquele tipo de personalidade exigida para cada caso concreto. Óbviamente, são sujeitos que não têm uma personalidade estável e genuína e que, no fundo, experimentam sensação de vazio e ansiedade.

Fromm faz uma descrição bastante minuciosa desta orientação. Este tipo caracteriológico, além de ser produto da sociedade capitalista, é "tipicamente americano".

As quatro orientações improdutivas, relativas ao "processo de socialização": masoquista, sádica, destrutiva e indiferente, foram tratadas em "O Medo à Liberdade". O próprio Fromm, no prólogo de "Ética e Psicanálise", diz que este livro, sob muitos aspectos, é continuação daquele. Que o capítulo dedicado à "Natureza Humana e o Caráter" procura desenvolver aqueles temas de caracteriologia que não foram abordados no livro anterior.

A Orientação Masoquista tem na palavra chave "lealdade", sua principal característica. Mas como esta orientação se dá num relacionamento simbólico, ²¹ "lealdade" aqui signifi-



fica submissão, gratidão servil - racionalização de uma atitude de dependência absoluta.

"O masoquismo constitui uma tentativa de despojar do seu eu, de se evadir da liberdade e procurar a segurança pela aderência a outro pessoa. Esta dependência pode assumir diferentes formas e é facilmente racionalizada como sacrifício, dever ou amor, especialmente quando os modelos sociais legitimam algumas destas formas de racionalização".²²

Na perspectiva frommiano, os indivíduos de orientação masoquista só se sentem seguros caso hajam se despojado do seu "eu" para submeter-se a uma pessoa, a um grupo, nação ou ideologia. Esta relação de dependência, buscada compulsivamente, é o meio pelo qual foge à ameaça da solidão e impotência. Basadre Barcalá observa que, nesta perspectiva o masoquismo é desprovido do componente instintivo que tinha nas concepções psicanalíticas ortodoxas e, converte-se em uma atitude falida frente aos outros, em fuga ante o peso do próprio "eu" autoconsciente e responsável. O "processo" de socialização" no indivíduo masoquista reveste a forma essencial de submissão.²³

As pessoas masoquistas são, em geral, dominadas por sentimentos de inferioridade, impotência e insignificância individual; mostram tendência para diminuir a si mesmas, se parecem fracas para não comandarem as coisas ao seu redor; por isso, acabam sendo dominadas por forças alheias - de outras pessoas, de instituições ou da natureza.²⁴

A Orientação Sádica do caráter no "processo de socialização" coloca, para Fromm, um problema de "relação simbiótica" similar a do masoquista. O que caracteriza o sádico, em oposição ao masoquista, é o impulso de "absorver" os outros.

Fromm descreve três tipos de tendências sádicas que

“O impulso de viver é o de destruir, não são fatores independentes, quando mais destruído for o impulso para viver, tanto mais forte se torna o impulso para destruir; quanto mais a vida

ou ainda:

“A destrutividade resulta de um bloqueio, mais intenso e mais vasto da produtividade; o reverso do impulso vital, é a energia da vida não vida transformada em energia destrutiva” (27)

segão no processo de viver. ainda acrescenta, a angústia e a frustração da própria realidade de impotência e solidão do indivíduo, ao que Fromm fonte é a mesma dos impulsos masoquista e sádico; a insustentação dos outros provém do receio de ser destruído por eles. sua ou passiva mas a eliminação do objeto. O impulso de destruir masoquista quanto da sádico por não visar uma simbiose ativa da a Orientação Destrutiva se distingue tanto da

guem” (26)

mento de força emana do fato de ele ser o senhor de al- em que ele manda, precisa muito dela porque seu próprio sentimento o peso da solidão individual; “O sádico precisa da pessoa do masoquismo, está na incapacidade destes indivíduos suportar objeto do sadismo; pois, o fundamento do sadismo assim como o Há uma dependência do sádico, diz Fromm, face ao

fazer os outros sofrer ou vê-los sofrer. 25

qualquer aspecto; a terceira espécie, consiste no desejo de las de forma absoluta mas, ajuda, explorá-las, usá-las sob irrestrito sobre elas; a segunda, consiste não só em dominar em tornar os outros dependentes e exercer poder absoluto ocorrem mais ou menos entrelaçadas: a primeira delas consiste



da for realizada, tanto menos será o vigor da destrutividade. A destrutividade é o produto da vida não-vivida".²⁸

A quarta e última orientação "improdutiva", considerada por Erich Fromm no "processo de socialização", é a Orientação Indiferente ou Conformidade Automática, também esta, típica da sociedade moderna. Neste tipo de orientação o indivíduo deixa de ser ele mesmo; adota o tipo de personalidade que lhe é oferecido pelos padrões culturais e, por conseguinte, torna-se como são os demais e como estes esperam que ele seja.

A maioria das pessoas da nossa cultura, julgam-se livres, autônomas e espontâneas mas trata-se, evidentemente, de uma ilusão, diz Fromm. As pessoas da nossa sociedade, em número cada vez maior, desistem do seu ego individual e convertem-se em autômatos, idênticos a milhões de outros autômatos em torno delas e, o preço que têm pago é a perda da sua individualidade.²⁹

Ao tornar-se autômato, desaparece do indivíduo o temor da solidão; sente-se como os demais - está "seguro". Mas, lembra Fromm, a substituição de atos individuais e originais de pensamento, sentimentos e vontade por pseudo atos conduz, no fim, à substituição do eu original por um "pseudo-eu". A segurança é apenas aparente. O indivíduo que desistiu da própria espontaneidade e individualidade mutilou sua vida.

"Psicologicamente, o autômato, se biologicamente esteja vivo, está morto emocional e mentalmente. Conquanto execute os movimentos da vida, sua vida escorre-lhe pelas mãos como areia. Por trás de uma fachada de satisfação e otimismo, o homem moderno é profundamente infeliz; em verdade, está à beira do desespero".³⁰



Feita esta exposição das orientações "improdutivas", descritas segundo a perspectiva frommiana, queremos lembrar mais uma vez, que se trata de "tipos ideais" e que só foram consideradas separadamente por questões didáticas, justifica o autor; pois, na verdade, estas diversas orientações "improdutivas" bem como as "produtivas", aparecem combinadas nas diversas estruturas individuais de caráter. Por outro lado, esta abordagem da caracteriologia frommiana só faz sentido, em nosso trabalho, se tivermos presente que, segundo Erich Fromm, "as diferenças de caráter, na medida em que exprimem o êxito ou o fracasso de cada indivíduo do domínio de viver, constituem o verdadeiro problema moral".³¹

2.2 - "Caráter Produtivo" - O ideal da Ética Humanista

A todas as "orientações improdutivas" de caráter, relativas ao processo de "assimilação" e "socialização", Erich Fromm opõe o "caráter produtivo" ou "orientação produtiva", como a forma mais madura, criadora e desenvolvida em que a energia humana pode ser canalizada. Trata-se do "caráter plenamente desenvolvido que constitui a meta do crescimento humano e o ideal da ética humanista".³²

Para Fromm, nosso século se ressentia de visões ideais do homem e da sociedade. A ausência de um projeto de um homem "melhor" e de uma "melhor" sociedade, tem contribuído para paralisar a fé do homem em si e no seu futuro, ao mesmo tempo que é resultado dessa paralisia.³³ A Psicologia moderna e a Psicanálise, continua Fromm, não constituem exceção a este respeito. Se a caracteriologia improdutiva (ou pré-genital) no



perspectiva freudiana) foi penetrante e exaustiva, o mesmo já não podemos dizer em relação à estrutura de caráter normal, a que Freud denominou de genital. Podemos estabelecer, diz Fromm, uma aproximação entre orientação produtiva e a idéia de caráter genital de Freud, libertada esta de sua teoria da libido, porquanto este se refere ao estágio de maturação sexual que é aquele em que o homem atinge a capacidade de produção natural. Contudo, além desta capacidade produtiva natural que o homem tem em comum com o animal, lhe é peculiar a capacidade de produção material. O homem, além de animal racional e social, é também um "animal produtivo" - é capaz de produzir materialmente, de transformar a matéria, usando de sua razão e imaginação. O homem não só pode como deve produzir a fim de viver. Mas, continua Fromm, a produção material é apenas o aspecto mais comum da produtividade como traço do caráter.³⁴

O "caráter produtivo" ou "orientação produtiva" da personalidade implica uma atitude do ser, um modo de relacionar-se em todos os campos da experiência humana. Inclui as respostas emocionais, mentais e sensoriais para com os outros, para com as coisas e para consigo mesmo. A produtividade é definida por Fromm assim:

"A capacidade humana de fazer uso dos seus próprios poderes e realizar as potencialidades que lhe são inerentes. (...) Produtividade significa que o homem toma consciência de si como a encarnação dos seus poderes e como um 'ser ativo'; que se sente um com as suas próprias forças e que estas não lhe são alheias nem ocultas".³⁵

O termo "poderes" não deve ser entendido no sentido de dominação mas no de capacidade.

Fromm afirma que, na orientação produtiva, o ser



humano normal é capaz de relacionar-se com o mundo, percebendo-o como é (reprodutivamente) e, simultaneamente, recriando-o com suas próprias faculdades (generativamente). A presença de ambas as faculdades, reprodutiva e generativa, é condição prévia da produtividade que surge da interação de ambas. ³⁶

Produtividade, no sentido que lhe é conferido por Fromm, não significa necessariamente atividade prática. O conceito frommiano de produtividade é, antes de mais nada, uma forma particular de relação homem-mundo e seu objeto mais importante é o próprio homem.³⁷ O processo de nascimento no plano espiritual, assevera Fromm, não se efetua automaticamente. No processo de nascimento de si mesmo, é necessário que a atividade produtiva imprima vida às potencialidades emocionais e intelectuais do homem. Neste sentido, na perspectiva frommiana, a produtividade aparece como uma tarefa a realizar, um ideal que nos é proposto pela ética humanista.

Segundo Fromm, o "caráter produtivo" se manifesta através do trabalho no processo de assimilação e no amor e pensamento produtivos, no processo de socialização. É atuando, amando e compreendendo que o homem se incorpora ao mundo e se realiza.

Nas considerações de Fromm sobre o trabalho em "O Medo à Liberdade" ainda transparece a proximidade da perspectiva marxista da sua primeira fase intelectual. Diz-nos que as necessidades, fisiologicamente condicionadas, fazem parte da natureza humana e exigem satisfação em quaisquer circunstâncias, constituindo a motivação primária do comportamento humano.



"... O homem tem de comer, beber, dormir, proteger-se contra os inimigos, etc. A fim de fazer tudo isso, ele tem de trabalhar e produzir. O 'trabalho', todavia, não é nada de geral ou abstrato: é sempre trabalho concreto, isto é, um tipo determinado de trabalho em determinado tipo de sistema econômico".³⁸

Nos anos que se seguiram, Fromm deu acabamento a sua teoria da natureza humana e das necessidades existenciais. Neste novo cenário teórico, o trabalho aparece como resposta às necessidades existenciais de relação, transcendência criadora e arraigamento. A menos que explore os outros, argumenta Fromm, o homem tem de trabalhar. O trabalho o eleva acima do reino animal; ele foi acertadamente definido como o "animal que produz". Além de necessário ao homem, o trabalho liberta-o da natureza, é também seu criador como ser social independente.

"No processo do trabalho, isto é, no processo de moldar e alterar a natureza exterior a ele, o homem molda e altera a si mesmo. Sai da natureza dominando-a e desenvolve suas capacidades de cooperação e de razão, e seu sentido do belo. Separa-se da natureza, da unidade originária com ela, mas ao mesmo tempo volta a unir-se com ela como seu senhor e construtor".³⁹

Entendido deste modo, o trabalho, segundo Fromm, é mais que uma necessidade ou atividade útil e prática. O trabalho produtivo, por sua própria natureza, é a forma positiva de satisfação das necessidades existenciais de relacionamento, transcendência e arraigamento. Pelo trabalho, o homem se relaciona com a natureza e com os demais homens e, o que é mais importante, o homem se transforma e se realiza.

Na concepção frommiana de trabalho é evidente a influência de Marx, para quem o trabalho é trabalho do homem, e o seu resultado vai ser o próprio homem e, para quem, trabalho alienado é a causa de alienação do homem em relação à sua

própria essência. Não obstante a incorporação dos conceitos de trabalho e trabalho alienado no seu próprio sistema, Fromm não consegue senão dar uma pálida idéia da profundidade e significação destes conceitos na perspectiva marxista. A causa está em que estes conceitos foram enxertados num contexto antropológico, cujos pressupostos nada têm em comum com a teoria de Marx.

A outra dimensão do "caráter produtivo" que, ao lado do trabalho recebe destaque especial da parte de Fromm é o amor. Por ele o homem se relaciona produtivamente com o mundo. Com este conceito Fromm designa diversos sentimentos. Sustenta que o amor tem quatro elementos básicos: cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento.⁴⁰ São estas notas características que distinguem o "amor produtivo" de quaisquer outros sentimentos denominados de amor. O "amor produtivo" representa a única forma humana, altruísta de amar. O cuidado e responsabilidade denotam que o amor é uma atividade e não uma paixão; Fromm exemplifica com o relato bíblico de Jonas, cuja mensagem, segundo sua interpretação, é mostrar que a essência do amor é "trabalhar" por alguma coisa, "fazer crescer" alguma coisa; que o trabalho e o amor são inseparáveis.⁴¹

Ao cuidado e responsabilidade há que acrescentar-se, ainda, para que o amor seja "produtivo", o respeito para com a pessoa amada e seu conhecimento, pois, sem eles, o amor degeneraria em domínio e posse.

Por outra parte, o amor autêntico, o "amor produtivo" implica em uma íntima relação com a essência da pessoa amada. Com isso nosso autor quer dizer que quem ama a uma determinada pessoa ama nela a humanidade inteira.



"Amar alguém produtivamente significa relacionar-se com a sua essência humana, achar-se-lhe ligado como representante da humanidade. Separado do amor pelo homem, o amor individual só pode referir-se aos aspectos superficiais e acidentais e terá que permanecer necessariamente vazio".⁴²

O terceiro aspecto pelo qual o homem se relaciona positivamente com o mundo é mediante a razão. Assim como a capacidade de amar permite atravessar o muro que o separa das outras pessoas e compreendê-las, diz Fromm, da mesma forma o poder da razão permite-lhe atravessar a superfície dos fenômenos e apreender a essência dos objetos. É importante, assegura Fromm, para compreender a natureza do pensamento produtivo, distinguir inteligência e razão. A primeira é instrumental, visa a obtenção de resultados práticos; seu objetivo é a apreensão daqueles aspectos que se afiguram necessários a sua eficiente manipulação. O pensamento presidido pela razão supera o pensamento inteligente porque inclui uma dimensão de profundidade; procura penetrar a essência das coisas e dos processos.⁴³

O pensamento produtivo, tal como o entende Fromm, é o uso da razão com o fim de conhecer, interpretar e compreender o mundo material e humano. O pensamento produtivo supõe uma polaridade, uma relação dialética sujeito-objeto e é, ao mesmo tempo, uma visão de totalidade dos fenômenos.

"No processo do pensamento produtivo, o sujeito pensante é movido pelo estímulo que o objeto constitui para si; é afetado por ele e reage; interessa-se e responde. Mas este pensamento caracteriza-se também pela objetividade, pelo respeito do pensador pelo objeto do seu pensamento, pela disposição para o ver tal como é, e não como desejaria que fosse. Esta polaridade objetividade-subjetividade é tão característica do pensamento produtivo como da produtividade em geral".⁴⁴



Pois bem, trabalho, amor e pensamento "produtivos" se constituem em formas positivas de relação do homem consigo mesmo, com os demais homens e com a natureza. Visto sob o prisma das "necessidades existenciais", estas formas de atividade produtivas são respostas satisfatórias às necessidades de relação, transcendência e arraigamento.

Fromm considera a "produtividade" como tendência natural do homem. Tudo o que não vem de encontro ao desenvolvimento e realização desta faculdade humana intrínseca são respostas "regressivas", intentos falidos de resolver o problema da existência, "alienação". Convém, a esta altura, abrir aqui um parêntese e explicitar o sentido do termo alienação na perspectiva frommiana. Assim como o trabalho este conceito foi tomado de Marx e desempenha uma função chave na concepção antropológica de Fromm. Mas, o que de imediato fica claro é que o conceito de alienação, tal como é empregado no contexto frommiano, difere do conceito de alienação em Marx.

No livro em "Meu Encontro com Marx e Freud", Fromm expõe a sua interpretação do conceito marxista de alienação. Diz que Marx jamais desenvolveu uma psicopatologia sistemática, mas não obstante, fala de uma forma de "aleijão psíquico" - a alienação.⁴⁵

Em "Psicanálise da Sociedade Contemporânea" se refere ao fenômeno da alienação como um dos efeitos do capitalismo sobre a personalidade e ao tentar explicitar a significação do termo, Fromm começa com uma aproximação do conceito em termos de experiência subjetiva. Diz ele:

"Entendemos por alienação um modo de experiência em que a pessoa se sente como um estranho.



Poder-se-ia dizer que a pessoa se alienou de si mesma. Não se sente como centro de seu mundo, como criadora de seus próprios atos, tendo sido os seus atos e as conseqüências destes transformados em seus senhores, aos quais obedece e aos quais quiza até adora".⁴⁶

Não seria de estranhar, caso se tratasse de uma simples aproximação do conceito no campo psicológico mas, o que em verdade ocorre é que esta interpretação psicológica do conceito é atribuída com pequenos nuances a Hegel, Fuerbach e Marx. Em Hegel o conceito de alienação se refere à idéia no processo histórico; Fuerbach se refere à alienação dos poderes do próprio homem em relação a Deus (alienação religiosa); e Marx, continua Fromm, influenciado por Fuerbach passou do fenômeno da alienação religiosa para a alienação do trabalho.⁴⁷

"No sistema de Marx, chama-se alienação ao estado do homem em que seus próprios atos se convertem, para ele, em uma força estranha, situada acima dele e contra ele, em vez de ser governada por ele".⁴⁸

Mas as aproximações de Fromm prosseguem:

"Mas, conquanto o uso da palavra 'alienação' nesse sentido geral seja recente, o conceito é muito mais antigo; é o mesmo a que se referiam os profetas do Antigo Testamento com o nome de idolatria".⁴⁹

Para Fromm a compreensão do fenômeno "idolatria" no campo teológico nos fará compreender melhor o significado da "alienação". O idólatra, diz Fromm, é aquele que se inclina ante a obra de suas mãos. O ídolo, pois, representa suas próprias forças vitais em uma forma alienada.

Não queremos aqui detalhar mais os múltiplos aspectos e facetas que confluem, no contexto frommiano, para a mesma noção - alienação. Acreditamos, porém, que estas referências são suficientes para afirmar a imprecisão desta noção bá-



sica da antropologia frommiana e o oportunismo com que passará a manipulá-la. Alienação, para Fromm, é negação da essência humana entendida como "produtividade", alienada é a pessoa que não se relaciona produtivamente (mediante o trabalho, amor e razão) consigo mesma e com o mundo exterior; alienados são os "caracteres improdutivos" da caracteriologia frommiana; alienada é a sociedade que impede o desenvolvimento natural da produtividade humana. Para Fromm, a alienação é a encarnação de todo o mal que não está arraigado universalmente na "natureza humana". A antropologia frommiana parece mover-se em círculos em cujo centro nos deparamos com o mesmo pressuposto: o homem, cuja natureza é boa, e a sociedade (alienada) fonte de todo mal.

Segundo Agnes Heller, o conceito de alienação de Fromm está mais próximo da concepção de Fuerbach (por exemplo, na ênfase à unidade imediata do homem com a natureza, na acentuação da identidade do sujeito com o objeto, na definição do lugar central do amor, ao pôr entre parênteses o desenvolvimento das necessidades). E com muita clareza e precisão dá o significado de alienação em Marx com estas palavras:

"Em Marx, sem embargo, alienação não significa deformação das capacidades originariamente inerentes ao homem, antes, pelo contrário, desenvolvimento das chamadas 'forças da espécie' em um nível social-global, paralelo ao relativo empobrecimento dos indivíduos. O que vale dizer: os indivíduos não empobrecem no sentido de que podem desenvolver mais capacidades que na época anterior à civilização, mas, em relação ao crescente enriquecimento da espécie; como consequência da chamada "divisão natural do trabalho", o abismo entre a riqueza da espécie e a pobreza dos indivíduos se faz cada vez maior".50



Com estas considerações sobre a caracteriologia frommiana e, mais especificamente, com a exposição do "caráter produtivo" acreditamos ter esclarecido o fim que se propõe a ética humanista de Erich Fromm.

Outro dado patente, tanto na formulação caracteriológica de um modo geral, como na elaboração do "caráter produtivo" de Fromm, é o fenômeno que temos denominado de "sincretismo". A caracteriologia frommiana é influenciada diretamente por Freud nas, quão distante dela! Nas suas origens estão igualmente presentes Abraham e Reich que como Fromm tentaram articular Freud e Marx. Na elaboração final de sua teoria do "caráter social" e também na sua tipologia caracteriológica estão presentes Sullivan e Horney e os principais representantes da corrente "Cultura e Personalidade". Na descrição de orientações caracteriológicas como a mercantil, produtiva, destrutiva e indiferente ou automática estão presentes muitos dos aspectos assinalados por críticos sociais: a alienação de Marx, a anomia de Durkheim, a racionalização de Max Weber entre outras.

O sincretismo frommiano é ainda mais expressivo no conceito de "produtividade". Ele se encontra arraigado em Freud e Marx tanto quanto na filosofia humanista de um modo geral, e nas idéias antropológicas das religiões humanistas. Iríamos muito longe, se quiséssemos identificar as origens de todas as qualidades e virtudes do "homem produtivo" de Fromm. Em linhas gerais, este homem, orientado produtivamente, coincide com o "homem genital" da antropologia freudiana, liberto das



implicações da teoria da libido, coincide com o "homem total de Marx" cuja essência não é "o conjunto das relações sociais" mas o conjunto das "necessidades existenciais". O homem da concepção frommiana que trabalha, ama e pensa produtivamente também coincide, em termos gerais, com o ideal antropológico da "beatitude intuitiva" de Spinoza; o ideal cristão de amor e do homem liberto da concepção zen.

Uma das razões que nos leva a falar em "sincretismo" é a forma pela qual são identificadas, a cada momento, diferentes perspectivas, (sociológica, psicológica, ética e até religiosa) tanto em referência à idéias quanto a conceitos. Ca-parrós observa, com muita propriedade, que Erich Fromm "se apresenta como mestre em fazer idêntico o que é análogo".⁵¹ E, para concluir, um comentário deste mesmo crítico em relação ao "homem são" de Fromm. Deixamos de explorar este outro aspecto da concepção frommiana de homem, em nosso trabalho, porque diz mais respeito à Psicanálise Humanista,⁵² ainda que, na perspectiva frommiana, esta apresente dimensões éticas definidas.

Fromm nos dá a seguinte definição de "saúde mental" e, por conseguinte, de "homem são":

"A saúde mental se caracteriza pela capacidade de amar e criar, pela libertação dos vínculos incestuosos com o clã e o solo, por uma sensação de identidade baseada no sentimento de si mesmo como sujeito e o agente das capacidades próprias, pela captação da realidade interior e exterior, isto é, pelo desenvolvimento da objetividade e da razão".⁵³

E em comentário a esta concepção frommiana de "homem são" Ca-parrós escreve:

"O homem são de Fromm é, pois, o homem, que identificado, reconciliado e em paz com Deus,



está completa e plenamente identificado, reconciliado e em paz consigo mesmo, com os demais e com a natureza. Naturalmente, Fromm su primará a dimensão vertical, pela horizontal e antropologicamente a imagem será a mesma: o homem são, o 'produtivo', é o que realiza plenamente as suas potencialidades, o homem com uma autorrealização sem fissuras, o que 'satisfaz produtivamente todas as suas necessidades'. Em definitivo, o homem são é o 'homem novo', o 'homem escatológico'.⁵⁴



NOTAS

- 1 FROMM, Erich. Ética e Psicanálise. p. 78.
- 2 Id., Ibid. p. 79.
- 3 Id., Ibid. p. 83.
- 4 Id., Ibid. p. 84.
- 5 Id., Ibid. p. 87.
- 6 Id., Ibid. p. 87.
- 7 Id., O Medo à Liberdade. p. 216.
- 8 Id., Ética e Psicanálise. p. 89.
- 9 Id., O Medo à Liberdade. p. 20.
- 10 Id., Anatomia da Destrutividade Humana. p. 306.
- 11 Id., Ética e Psicanálise. p. 91.
- 12 Id., O Medo à Liberdade. p. 24.
- 13 Id., Ética e Psicanálise. p. 91.
- 14 Id., O Medo à Liberdade. p. 215.
- 15 Id., A Aplicação do Psicanálise Humanista à Teoria de Marx. In: Humanismo Socialista. p. 239-240.
- 16 Id., Ibid. p. 242.



- 17 Sobre o "caráter social" confirmam-se os seguintes trabalhos de Fromm: O Dogma de Cristo, Método para uma Psicologia Social Analítica, Caracteriológica Psicanalítica e sua relevância para a Psicologia Social, O Medo à Liberdade, Ética e Psicanálise, Psicanálise da Sociedade Contemporânea e Caráter Social de uma Aldeia.
- 18 Para uma descrição mais minuciosa destes tipos caracteriológicos confirme-se: Ética e Psicanálise p. 93-120 e O Medo à Liberdade p. 115-163.
- 19 FROMM, Erich. Ética e Psicanálise. p. 93.
- 20 Id., Ibid. p. 95.
- 21 Segundo Fromm o que caracteriza a relação simbiótica é que o sujeito da relação perde ou nem sequer chega a adquirir sua independência. Torna-se parte da outra pessoa "absorvendo-a" ou sendo "absorvido" por ela.
- 22 FROMM, Erich. Ética e Psicanálise. p. 153.
- 23 BASADRE MARCALÁ, José. Op. Cit. p. 108.
- 24 FROMM, Erich. O Medo à Liberdade. p. 117-118.
- 25 Id., Ibid. p. 118-119.
- 26 Id., Ibid. p. 119.
- 27 Id., Ética e Psicanálise. p. 156.
- 28 Id., O Medo à Liberdade. p. 147.
- 29 Id., Ibid. p. 148.
- 30 Id., Ibid. p. 199.
- 31 Id., Ética e Psicanálise. p. 79.
- 32 Id., Ibid. p. 121-122.
- 33 Id., Ibid. p. 121.
- 34 Id., Ibid. p. 122.
- 35 Id., Ibid. p. 122-123.
- 36 Id., Ibid. p. 131.
- 37 Id., Ibid. p. 131.
- 38 Id., O Medo à Liberdade. p. 24.
- 39 Id., Psicanálise da Sociedade Contemporânea. p. 176-177.



- 40 Id., Ética e Psicanálise, p. 140.
- 41 Id., Ibid., p. 141.
- 42 Id., Ibid., p. 144.
- 43 Id., Ibid., p. 146.
- 44 Id., Ibid., p. 147.
- 45 Id., Meu Encontro com Marx e Freud, p. 45.
- 46 Id., Psicanálise da Sociedade Contemporânea, p. 124.
- 47 Id., Meu Encontro com Marx e Freud, p. 46.
- 48 Id., Psicanálise da Sociedade Contemporânea, p. 125.
- 49 Id., Ibid., p. 125.
- 50 HELLER, Agnes. Ilustración Y Radicalismo. Crí de la antropología psicológica de Fromm. In: Instinto, Agresividade y caracter. Barcelona Ed. Península, 1980. p. 23.
- 51 CAPARRÓS, Antonio. Op. Cit. p. 163.
- 52 A tese principal da Ética Humanista "As paixões básicas do homem não estão arraigadas em suas ne necessidades instintivas, mas nas condições espe- cíficas da existência humana, na necessidade de encontrar nova relação com o homem e a Natureza após haver perdido a relação primária da etapa pré-humana".
FROMM, Erich. Psicanálise da Sociedade Contem- porânea. p. 12.
- 53 Id., Ibid., p. 78.
- 54 CAPARRÓS, Antonio. Op. Cit. p. 157-158.
As expressões "homem novo" e "homem escatológi- co" utilizadas nesta citação se referem ao con- texto da religiosidade judaica e cristã.



3 - CONSIDERAÇÕES SOBRE A ÉTICA HUMANISTA DE FROMM

Concluídas as exposições sobre a concepção antropológica e a ética humanista frommiana, resta-nos agora, antes de passarmos à conclusão do trabalho, fazer algumas considerações sobre o significado e/ou limitações da proposta ética de Erich Fromm. Não vamos retomar as observações e críticas que já tivemos oportunidade de fazer no decorrer daquelas exposições. Nossa intenção é, antes de mais nada, questionar alguns pressupostos fundamentais da ética frommiana pois, é da validade ou não destes pressupostos que depende, não só a aceitação mas, a própria força da teoria frommiana da moral.

O ponto de partida da reflexão ética de Fromm é de que a razão humana e, somente por ela, podem ser formuladas e determinadas normas éticas válidas para todos os homens. Ele é capaz de discernir e fazer julgamentos de valores que sejam tão válidos quanto quaisquer outros oriundos de sua razão, observa Fromm. E, realmente, nada há que objetar quanto a este ponto de partida. Trata-se simplesmente de propor e procurar as "raízes" da moral no próprio homem. Trata-se de uma escolha



puramente científica. É isto que quer o autor de "Ética e Psicanálise". Em princípio rejeita a eleição de quaisquer valores que não estejam fundamentados pela ciência. Mas, acontece que na abordagem frommiana, o primado da razão, na busca de sistemas válidos de valores éticos, está diretamente ligada à premissa fundamental da ética humanista de que se pode saber o que é bom ou mau para o homem, desde que se conheça a sua natureza.¹ Segundo Fromm, a "natureza humana", conhecida cientificamente pela "Ciência do Homem", constitui o fundamento da ética humanista.

Pois bem, se como já ficou demonstrado, as bases da ética humanista são as normas da constituição biológica do homem; se a moral humanista não é senão o uso produtivo das potencialidades humanas; se o fim imaneente do homem está dado em sua constituição biológica o que impede que esta moral realmente se efetive?

A esta objeção, o defensor da ética humanista responde com a análise dos "poderes morais do homem".² Afirma que seria insustentável a tese humanista de que o homem é capaz de se elevar ao conhecimento do bem e atuar de acordo com ele, sem recorrer a poderes transcendentes, apoiado unicamente pela razão, se fosse verdadeiro o dogma da inata maldade humana. A controvérsia gerada pelos pontos de vista, contrários entre si, de que o homem é fundamentalmente mau ou bom, tem sido um dos problemas cruciais ainda não resolvido pelo pensamento filosófico e teológico do ocidente.

Acontece que para resolver este impasse, ele, Fromm, sem ser dialético, tem a teoria capaz de conciliar os opostos: a teoria das "potencialidades primárias" e "potencialidades se-



secundárias". Fromm lembra que na época moderna as teses da bondade e maldade humana encontraram nova expressão na teoria psicológica do "impulso da vida e impulso da morte" de Freud; este concebeu a destrutividade como inerente ao ser humano e só difere em relação ao objeto a que se dirige. A destrutividade dirigida contra si mesmo seria inversamente proporcional à destrutividade contra os outros.

Fromm discorda desta hipótese freudiana e afirma que os indivíduos se distinguem pelo grau de sua destrutividade total, pois, a destrutividade para com os outros e para consigo mesmo aparecem sempre unidas. No seu entender, o que se verifica é que as forças destrutivas da vida são inversamente proporcionais às forças propulsoras de vida. "Quando a tendência vital para o crescimento encontra um obstáculo, a energia retida sofre uma transformação e converte-se em energia destruidora de vida".³ Portanto, são os condicionamentos individuais e sociais que causam a paralização da energia produtiva; são os responsáveis pela manifestação destrutiva que, por sua vez constitui a fonte das diversas manifestações do mal. O homem frommiano é, pois, constituído de "potencialidades primárias" - que são atualizadas mediante a presença de condições favoráveis e "potencialidades secundárias" - aquelas que só se realizam quando as condições não correspondem às "necessidades existenciais". Tanto a potencialidade primária quanto a secundária, conclui Fromm, fazem parte da natureza humana e podem manifestar-se com igual intensidade. Isso quer dizer que o homem não é necessariamente mau; vem a sê-lo, quando não se verificam as condições plenas de seu desenvolvimento. "O mal carece de existência autônoma; é afinal, a ausência do bem, um



resultado do fracasso na realização vital".⁴

Ainda que relute em confessar explicitamente, "Fromm se atém ao princípio rousseauiano, a profissão de fé contida na 'Origem da desigualdade entre os Homens': originalmente, os homens somos bons e iguais, porque a natureza nos tem feito assim. O homem que declarou, pela primeira vez, 'esta terra me pertence' trouxe o mal ao mundo".⁵

A crença frommiana indestrutível na "substância humana boa" o tornou cego para o fato de que seu enfoque conduz, irremediavelmente, a uma ética sem liberdade. O interesse vital mais importante do homem, a liberdade, não é outra coisa que o desenvolvimento sem obstáculos do organismo humano. A liberdade vem assegurada por aquela sociedade que possibilite tal desenvolvimento. Considerando-se que esta sociedade não existe, parece-nos razoável que, ainda que aceitássemos a sua concepção antropológica como fundamento válido para sua ética humanista, estaríamos diante de um "naturalismo ético utópico".

Outro aspecto, não menos problemático da proposta ética frommiana, diz respeito ao conteúdo das ações morais e está diretamente ligado à "concepção antropológico-filosófica da existência humana".

Apesar de sua preocupação de integrar à sua concepção antropológica a visão histórica de Marx, a concepção frommiana de homem resulta abstrata e especulativa o que, também, se reflete na sua proposta ética. O autor de "Ética e Psicanálise" parece esquecer que "a moral é assegurada pela natureza mas criada pela cultura".⁶



Mesmo assim, Erich Fromm parte de umas considerações indiscutivelmente válidas, lembre-nos A. Casparrós. Realmente toda ética prescreve uma antropologia esboçada filosoficamente a partir de uns conhecimentos científicos. Toda reflexão ética deve levar em conta, não só os dados da antropologia, mas das ciências humanas de um modo geral. Isso parece evidente e necessário. O aspecto questionável da sua perspectiva é de como o conhecimento puro e simples da natureza humana passa a se transformar, enquanto conhecimento e, sem mediação nenhuma da liberdade, como dimensão totalizante do ser humano, em categoria ética.⁷

Ao questionarmos a concepção frommiana de natureza humana, estamos necessariamente questionando as chamadas "necessidades existenciais", outro ponto vulnerável de sua antropologia. Parece que nosso autor, através do que ele denominou "Ciência do homem", reconstruiu a natureza humana em geral a partir da experiência do homem atual, mais precisamente, do homem em sua relação com o mundo no sistema capitalista; e, passou a explicar, de uma forma naturalista, o que foi, sem dúvida, resultado de um longo processo histórico. Algumas necessidades existenciais do homem atual passam a ser consideradas as necessidades básicas "do homem".

De acordo com Fromm, a unidade da espécie humana se manifesta porquanto todos os homens, de todos os tempos, partilham da mesma "situação humana" ou "dicotomias existenciais"; têm as mesmas necessidades. A diversidade se manifesta nas múltiplas formas pelas quais o homem soluciona o problema da existência, ou o que dá no mesmo, o modo como satisfaz as "necessidades existenciais". As formas produtiva e improduti-

vas de caráter não são mais que as possibilidades alternativas de vida. Eis porque Fromm privilegia o "caráter produtivo" como o ideal da ética humanista. Mas, convém lembrarmos que o síndrome de traços que definem o "caráter produtivo" são o oposto dos traços de caráter característico do homem coisificado da sociedade moderna. O "caráter produtivo" é o ideal utópico com o qual o incansável humanista que é Fromm, alimentou a esperança de salvar o homem alienado do sistema capitalista.

Dada a íntima conexão entre a antropologia e a ética humanista frommiana, somos levados a concluir que sua proposta ética é tão vulnerável quanto sua concepção antropológica. Mas, apesar desta constatação, a reflexão ética de Fromm não é de todo destituída de significado. O enfoque psicológico pelo qual aborda os problemas éticos, salienta a imprescindível contribuição que a Psicologia e Psicanálise podem dar ao estudo e discussão dos valores éticos. Vista sob este ângulo, a reflexão frommiana é de muito valor pelas suas pertinentes e até minuciosas análises psicológicas.

Outro aspecto positivo das análises frommianas é a preocupação com o homem, em sua totalidade, numa época em que estamos sentindo, cada vez mais, a nocividade das visões estanques dos diversos ramos da ciência em geral e, das ciências humanas em particular. Finalmente, a proposta ética frommiana, como um todo, é um ponto de partida fecundo para novas reflexões éticas, tanto pela atualidade dos problemas que aborda, quanto pelas questões e hipóteses que suscita.

Mesmo após quase cinco décadas, a leitura de "Ética e Psicanálise" continua a interessar e mesmo a entusiasmar; pois, é a obra de um ético que a si mesmo se define como um



"humanista radical".

"Homem admirável e incansável, não deixa de proclamar, apesar dos pesares, sua fé no homem, em que o homem pode ser feliz, porque em sua natureza não se radica o desejo de felicidade, sendo a felicidade mesma".⁸



NOTAS

- 1 FROMM, Erich. *Ética e Psicanálise*. p. 39.
- 2 Id., *Ibid.* p. 288-307.
- 3 Id., *Ibid.* p. 295-296.
- 4 Id., *Ibid.* p. 298.
- 5 de J. J. Rousseau, tomado de HELLER, A.
Op. Cit. p. 58.
- 6 GARAUDY, Roger. Por uma discussão sobre o fundamento da moral. In: - *Moral e Sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969. p. II.
- 7 CAPARRÓS, Antonio. *Op. Cit.* p. 200.
- 8 Id., *Ibid.* p. 22.



C O N C L U S ã O

Ac longo desta dissertação perseguimos o objetivo de expor os princípios básicos da ética humanista de Erich Fromm e verificar se a antropologia, pressuposto e fundamento da proposta ética, constituía uma síntese das teorias de Marx e Freud ou, um "sincretismo antropológico".

Vimos que o projeto frommiano fundamental, apreendido nos primeiros anos da década de trinta, constituiu-se no intento de obter uma síntese dialética entre a psicanálise de Freud e o materialismo histórico de Marx. No entanto, se não houve uma ruptura entre o Fromm "freudo-marxista" da década de trinta, houve pelo menos, uma sensível mudança em relação ao Fromm "culturalista" que foi se delineando na América e que acabou por se configurar, na década posterior.

Entre os fatores principais desta mudança destacamos as influências recebidas no contexto sócio cultural americano que, por sua vez, confirmaram e desenvolveram a convicção frommiana de que o problema básico da psicologia é o que se refere ao tipo específico de conexão do homem com o mundo, e não



a satisfação das necessidades, segundo visão da psicanálise egotodoxa. Apesar de sua resistência em ser suscrito a qualquer corrente de pensamento, Erich Fromm é, sem dúvida, um dos maiores representantes da psicanálise culturalista. Além deste aspecto, outra nota evidente do afastamento frommiano do seu projeto "freudomarxista" original está no desenvolvimento de uma antropologia centrada no conceito de "essência do homem" e nas chamadas "necessidades existenciais".

Insatisfeito com as concepções do homem de Freud e Marx, Fromm busca formular sua própria concepção. Retendo algumas noções-chaves destas teorias e conservando muitos de seus termos técnicos, seu ponto de partida é a determinação da "natureza" ou "essência do homem", pressuposto que, do ponto de vista filosófico, caracteriza uma postura metafísica.

Definida a "essência do homem" como uma "contradição inerente à existência humana", Erich Fromm passa à sua exploração, desenvolvendo uma antropologia cujo traço característico é o naturalismo teórico da personalidade: nela os conceitos de "essência humana" ("essência genérica" e "natureza humana" (sentido biológico) se identificam. Nesta identificação consciente ou não, está uma das razões da distorcida visão e interpretação das teorias antropológicas de Marx e Freud. Por outro lado, tendo como único critério de verdade "seu" humanismo, manteve-se aberto a todas as influências teóricas que, de alguma forma, tivessem em mira o "bem-estar do homem", quer se tratasse de Spinoza, Marx ou Freud, Buda ou Jesus. Harmonizar visões antropológicas tão diferentes não trouxe a Fromm maiores problemas, uma vez que alia à livre interpretação de suas fontes, uma não menos arbitraria seleção de idéias e con

de verdade, por si mesmas.

batavel no homem leva-o a errar e esperar no poder da razão e simplesmente pela tomada de consciência das mesmas. Sua fé na "tara" seu paciente das influências neurotizantes da sociedade, ra é de um "psicanalista" que cre na possibilidade de "liber- parte, um projeto político coerente; mas, ao invés, sua postura da civilização trouxe o mal ao mundo, era de se esperar da sua diante o trabalho, a razão e o amor; se a alienação através originalia de homem potencialmente apto a desenvolver-se me- Se, como interpreta Fromm, a alienação é deformação

alienantes do sistema capitalista.

bem: "bom" ou "realizado" (apesar das estruturas alienadas e primarias do ser humano de vir a ser "produtivo") (leia-se tam é uma utopia decorrente de crença frommiana nas capacidades zização do homem. O "caráter produtivo", enquanto ideal ético, de dez princípios, valores e normas éticas que visam à autorreg Isada a um naturalismo teórico da personalidade, Erich Fromm to diferente. De uma antropologia filosófica essencialista a- conclui seu trabalho, a conclusão a que chegamos não é má. tias coexistem com a antropologia que, na perspectiva frommiana, Considerando-se que a "ética humanista" está em

a um sentido "antropológico".

projeto total de síntese dos pontos de vista de Freud e Marx, do homem, como se busca que o levar-se à transformação do seu a exatidão preocupada ética e sua de inatável na bidade tive incorporação de suas fontes, podem ainda ser arroladas Além de vocação camélica de Fromm, seu ecletismo e

contos de religião às normas.



Apesar das relações feitas à teoria antropológica e ética de Erich Fromm, nem por isso, deixamos de reconhecer que muitas de suas idéias foram assimiladas nos mais variados contextos, sobretudo educacionais; que poucas, como ele, têm contribuído para a divulgação em todos os níveis das idéias de Freud e o humanismo de Marx.

Devemos ainda a Fromm o mérito de ter sido um dos pioneiros a chamar a atenção tanto dos freudianos, cujas idéias continuam a desenvolver-se no contexto do materialismo mecanicista; quanto dos marxistas de ontem e de hoje, que estas duas correntes de pensamento moderno não podem ignorar-se; que uma psicologia dinâmica, crítica e socialmente orientada pode enriquecer a teoria e a praxis marxista.

Do ponto de vista dos valores devemos acrescentar que o humanismo ético de Erich Fromm tem contribuído para denunciar o irracionalismo e a manipulação do homem pelo sistema capitalista. É inegável que a "ética humanista" representa, da parte de Fromm, o humano esforço de luta contra o relativismo ético apesar de ser fruto de um idealismo utópico, de quem transformou a tarefa urgente de humanização em "revolução da esperança".



BIBLIOGRAFIA

a) Fontes:

- 1 - FROMM, Erich. A Aplicação da Psicanálise Humanista à Teoria de Marx. In: Humanismo Socialista. Lisboa, Ed.70, 1976. p. 235-255.
- 2 - _____. A Missão de Freud. 3 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- 3 - _____. Anatomia da Destrutividade Humana. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- 4 - _____. A Revolução da Esperança. 3 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- 5 - _____. A Sobrevivência da Humanidade. Rio de Janeiro, Zahar, 1962.
- 6 - _____. Budismo Zen Y Psicoanálisis. México, Fondo de Cultura Económica, 1975.
- 7 - _____. Caracteriologia Psicanalítica e sua Relevância para a Psicologia Social. In: A Crise da Psicanálise. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1977. p. 162-188.
- 8 - _____. e MACOBBY, Michael. Caráter Social de uma Aldeia. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- 9 - _____. Conceito Marxista de Homem. 7 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.



- 10 - _____ . Contribuição de Marx para o Conhecimento do Homem. In: A Crise da Psicanálise. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1977. p. 61-65.
- 11 - _____ . Ética e Psicanálise. Lisboa, Editorial Minotauro, s.d.
- 12 - _____ . Grandeza e Limitações do Pensamento de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- 13 - _____ . Implicações Humanas do Esquerdismo Instintivista. In: Parouse Polêmico. Lisboa, Editorial Presença, 1969.
- 14 - _____ . Método e Função de uma Psicologia Social Analítica. In: A Crise da Psicanálise. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1977. p. 134-161.
- 15 - _____ . Meu Encontro com Marx e Freud. 7 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- 16 - _____ . O Caráter Revolucionário. In: O Dogma de Cristo. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1965. p. 89-104.
- 17 - _____ . O Coração do Homem. Rio de Janeiro, Zahar, 1965.
- 18 - _____ . O Dogma de Cristo e outros Ensaios sobre Religião, Psicologia e Cultura. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1965.
- 19 - _____ . O Espírito de Liberdade. 3 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- 20 - _____ . O Medo à Liberdade. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1962.
- 21 - _____ . O Modelo Freudiano de Homem e sua Determinantes Sociais. In: A Crise da Psicanálise. 2 ed. Rio de Janeiro, 1977.
- 22 - _____ . Psicanálise: Ciência ou Linha Partidária? In: O Dogma de Cristo. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1965. p. 105-116.
- 23 - _____ . Psicanálise da Sociedade Contemporânea. 9 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.



- 24 - _____ . Privação e Felicidade. Rio de Janeiro, Biblioteca de Psicologia Médica, 1976.
- 25 - _____ . Sexo e Caráter. In: O Deus de Cristo. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1965. p. 89-104.
- 26 - _____ . Ter ou Não? 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

a) Secundária.

- 1 - ARRABANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- 2 - ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- 3 - ASTRADA, Carlos. Trabalho e Alienação. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.
- 4 - BASADE BANCALÁ, José. Síntesis del Pensamiento de Fromm. Barcelona, Nova Terra, 1974.
- 5 - CAPARRÓS, Antonio. El Carácter Social según Erich Fromm. Estudio Crítico de su Obra. Salamanca, Ed. Sigueme, 1975.
- 6 - CLÉMENT, C.B. BRUNO, P e SEVE, L. Para uma Crítica Marxista da Teoria Psicanalítica. Lisboa, Ed. Estampa, 1975.
- 7 - DELLA VOLPE et alii. Moral e Sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.
- 8 - FREUD, Sigmund. O Futuro de uma Ilusão. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- 9 - _____ . Psicologia de Grupo e Análise do Ego. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- 10 - _____ . Tótem e Tabu. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- 11 - GOULIANE, C.T. A Problemática do Homem. Ensaio de uma Antropologia Filosófica. Paz e Terra, 1969.
- 12 - HELLER, Agnes. Instinto Apreciativo y Carácter. Barcelona, Ed. Península, 1980.



- 13 - FIGUARDI, A. e POLANCO, A. Erich Fromm: los años de los 15 años de la Unión y la Revolución de la Cooperación. Toledo, Magisterio Español, 1977.
- 14 - KALJVOVA, Robert. Marx y Freud. Barcelona, Anagrama, 1975.
- 15 - LANDIS, T. y TAUBERT, H.B. (Comps.) Erich Fromm: Psicología y Sociedad. Buenos Aires, Paidós, 1976.
- 16 - BANDOGLINI GUANDO, Ricardo G. De Freud a Fromm. História General del Psicoanálisis. Buenos Aires, Clodis, 1969.
- 17 - MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos e Outros Textos Escolhidos. 2 ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- 18 - _____. Manuscritos Econômicos e Filosóficos. In: Conceito Marxista de Homem. 7 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. p. 83-170.
- 19 - _____ e ENGELS, F. Manifesto de 1848. In: Cartas Filosóficas e outros Escritos. São Paulo, Orijaibo, 1977.
- 20 - MACINTYRE, Alasdair. História de La Ética. Buenos Aires, Paidós, 1970.
- 21 - SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. Ética. 3 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- 22 - _____. Filosofia da Praxis. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- 23 - SLATER, Phil. Origem e Significado da Escola de Frankfurt. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- 24 - SPINOZA, Benedictus de. Ética. São Paulo, Abril Cultural, 1979.



E R R A T A S

Páginas	Linha	Onde se lê	Leia-se
7	5	coloca-se	colocar-se
12	4	Instituto	Instituto
13	7-8	aufgabe	aufgabe
13	9	Characterologie	Charakterologie
13	23	Ethics	Ethics
14	24	Illusin	Illusion
15	5	The	You
19	3	nucleares	nucleares
19	30	articlar	articular
23	15	posicionaram-se	posicionarem-se
25	33	um necessidade	uma necessidade
27	2	na determinação	na determinação
28	25	tentase	tentasse
30	21	exorcizá-los	exorcizá-la
32	26	ultimas instâncias	ultima instância
36	1	From	Fromm
36	8	and	und
36	8	Famile	Familie
36	20	"Escape Freedom"	"Escape from Freedom"
46	9	científico	científico
58	18	A. Polaino	A. Polaino
59	17	antropológica-filosófica	antropológico-filosófica
59	27	governa	governam
60	15	juntamento	juntamente
62	36	moséria	miséria
67	26	implica	aplica
69	8	físico	fásico
72	18	um posição	uma posição
74	22	em	em
76	15	no qual	na qual
78	4	que que	em que
78	8	clasifica	classifica
78	8	contante	constante
79	última	ética	ótica
80	15	social	social
81	5	Fromm põe	Fromm o põe
91	32	desequilíbrio	desequilíbrio
97	7	compensatória	compensatória
99	12	razao	razao
104	última	temos	temos
125	19	com	como
126	16	embuído	imbuído
137	16	minuciosa	minuciosa
145	16	altruista	altruista
148	12 e 14	Feuerbach	Feuerbach
149	15	Feuerbach	Feuerbach
149	16	ênfase	ênfase
150	10	tentaram	tentou